

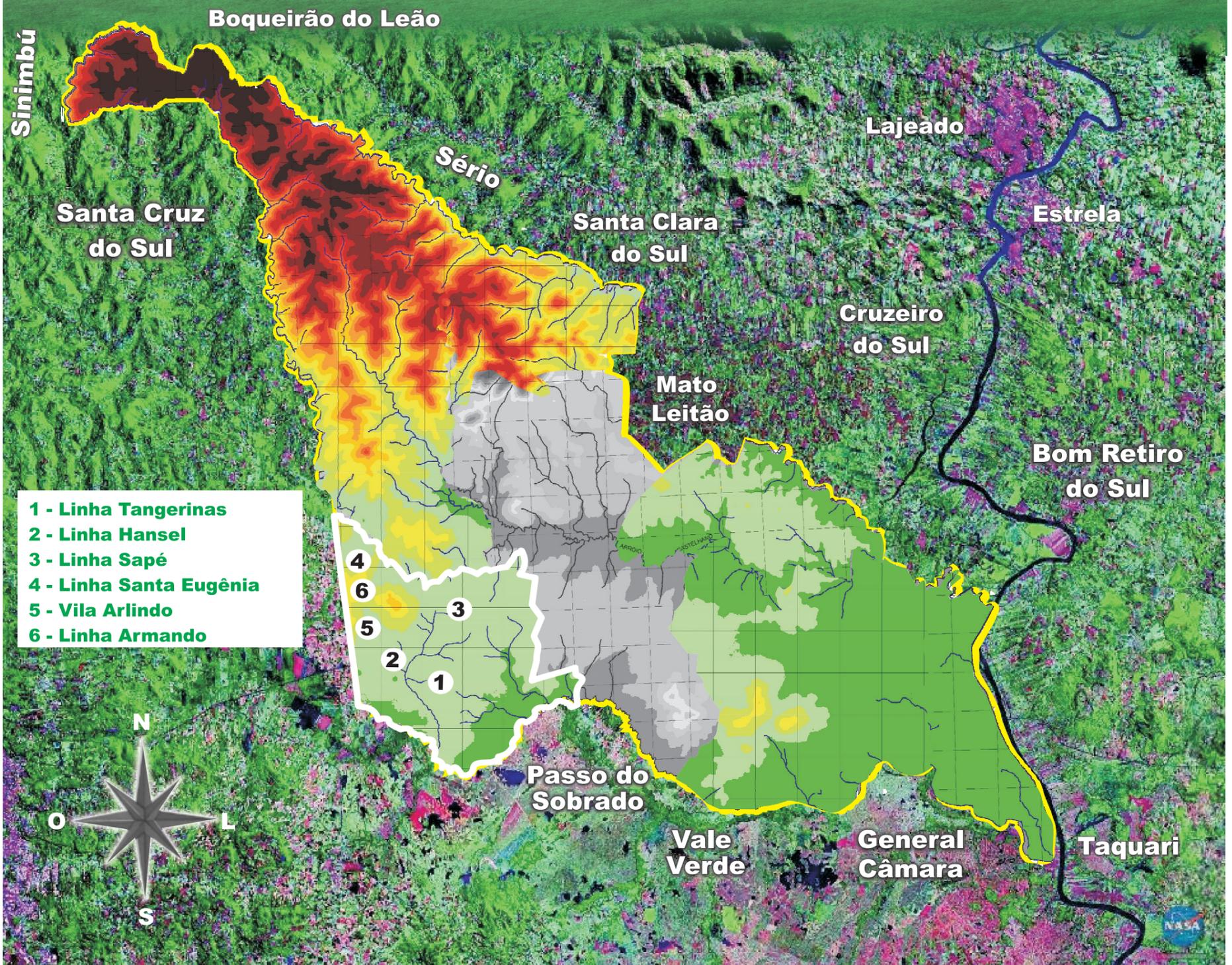
Folha Distritos

Folha do Mate

VENÂNCIO AIRES, QUINTA-FEIRA, 24 DE ABRIL DE 2008

SÉTIMO DISTRITO

O latifúndio de João Carlos Leitão da Rocha



ESTE PROJETO TEM O APOIO DO GRUPO CTA-CONTINENTAL.

www.cta.com.br

bras
clin

SoleMio

café
CTA

CTA-CONTINENTAL
TOBACCO ALLIANCE S/A
Highest Quality

DOBRO

Um latifúndio deu origem ao 7º Distrito

O distrito de Vila Arlindo foi criado pela lei Nº 1804 de 28 de setembro de 1994, quando foi feita a última redistribuição distrital do território venâncio-aiense, em consequência da emancipação político-administrativa de Mato Leitão.

Vila Arlindo é sede do 7º Distrito de Venâncio Aires, compreendendo as localidades de Linha Santa Eugênia, Linha Sapé, Linha Hansel, Linha Tangerinas e Linha Armando.

Até a década de 1970, o principal acesso a estas localidades era pela estrada velha para Santa Cruz do Sul e Rio Pardo, através de Linha Bela Vista, ou então pela Estrada da Serra, até o trevo do Arroio Grande, seguindo pela estrada municipal em direção a Monte Alverne. Confira no quadro os dados gerais do 7º distrito.

Até 1911, toda esta região era ocupada por colonizadores luso-ajorianos, a maioria militares oriundos de Rio Pardo, que haviam recebido datas ou sesmarias de terras do governo imperial em meados do século XIX. Naquele ano, o latifundiário João Carlos Leitão da Rocha promoveu a divisão de suas terras. Uma parte ficou para a esposa Evangelina e outra parte foi dividida para os sobrinhos Armando e Arlindo.

Muitos ladrilhos desta história ficaram perdidos no tempo. Provavelmente, o território de Linha Sapé, Santa Eugênia e Linha Hansel pertenceram também a Leitão da Rocha.

Linha Hansel, por exemplo, surgiu a partir da década de 1920, isto é, oito anos após a chegada dos primeiros colonizadores das linhas Armando e Arlindo, povoados próximos.

Já a colonização de Linha Sapé e Linha Santa Eugênia deu-se bem antes, embora seus ladrilhos históricos também estejam perdidos. Estima-se que o território foi colonizado por imigrantes germânicos a partir de 1882, oriundos de Monte Alverne e/ou Centro Linha Brasil, onde prosperavam as primeiras colônias abertas havia mais de 20 anos. Sapé é um nome de origem indígena e não é por acaso. Vestígios da presença de nativos bugres foram encontrados em lavouras e encontram-se guardados na escola de Vila Arlindo ou no museu do colégio Mauá, em Santa Cruz.

O trabalho que ora apresentamos tem o objetivo de recuperar parte desta história perdida, a partir da colonização germânica, uma vez que não havia entre os lusos o hábito de registrar os principais acontecimentos e, também, porque os luso-ajorianos aqui existentes eram donos de vastíssimas áreas de terra (mais de cinco mil hectares), sendo que as colônias foram loteadas em partes. Também não existe mais nenhuma comunidade indígena organizada.

João Guilherme Hansel é considerado um dos poucos latifundiários de origem germânica a se instalar em Venâncio Ai-

res. Por volta de 1920 ele adquiriu 1.000 hectares de terras, próximo do arroio Taquari Mirim, às margens daquela que, na época, era considerada a principal estrada entre Rio Pardo e Porto Alegre. Esta estrada teria recebido calçamento com pedras na época do Brasil Império, para que o imperador D. Pedro II e sua comitiva real passassem. Vestígios do que seria a estrada de pedras ainda podem ser vistos no trecho entre o trevo de Linha Hansel e a ponte sobre o arroio Taquari Mirim, na estrada que atualmente serve de acesso ao município de Passo do Sobrado.

Atualmente, a população do sétimo distrito mescla pessoas de origem portuguesa e germânica e uma pequena comunidade negra, formada por descendentes de Antônio Rodrigues, o primeiro colono negro a se instalar nas proximidades de Vila Arlindo.

EDUCAÇÃO

Inicialmente, as crianças filhas de imigrantes estudavam em escolas particulares, orientados por professores e professoras que ensinavam no idioma alemão. As duas guerras mundiais e as revoluções políticas que eclodiram no Brasil na primeira metade do século XX influenciaram decisivamente na formação cultural dos colonos germânicos. A língua e cultura alemãs, inicialmente toleradas, passaram a ser proibidas. Livros e documentos foram confiscados pelas autoridades policiais da época e desapareceram.

A partir de 1920, o poder público começou a auxiliar as comunidades no subsídio dos professores, que ensinavam em alemão e em português. A partir da década de 1940 começaram a surgir as primeiras escolas municipais, administradas pela prefeitura, mas foi no final dos anos 1950 e início dos anos de 1960, que a educação passou a ser administrada de forma mais intensa pelo governo do Estado. Surgiram as escolas rurais, mais tarde denominadas grupos escolares e, mais recentemente, escolas estaduais.

Em Vila Arlindo encontra-se a Escola Estadual Pedro Pedro Bohn, a principal do 7º distrito, com alunos do pré a 8ª série. Linha Hansel tem a principal escola municipal, a D. Pedro II. São chamadas escolas-pólo, que concentram alunos das localidades vizinhas, recebendo alunos de outras escolas menores, que foram fechadas a partir de meados da década de 1990 em consequência do êxodo rural e da desvalorização da agricultura como fonte de renda para a pequena propriedade rural. Confirma no gráfico a relação das escolas municipais e estaduais do distrito.

RELIGIÃO

Juntamente com a educação, a religião foi preocupação primordial dos colonos germânicos. Junto com as primeiras escolas foram criadas as primeiras capelas. A comunidade de Vila Arlindo construiu na década de 1920 uma schulkapelle, isto é, uma capela-escola, que funcionou como capela até 1948 e como escola até 1961. Na época, a localidade experimentou um período de grande progresso e sentiu-se motivada a construir uma igreja em louvor a Nossa Senhora da Natividade,



Marcas daquela que poderia ser a primeira estrada calçada com pedras de Venâncio Aires



Igreja Nossa Senhora da Natividade, sede da paróquia de Vila Arlindo

elevada à categoria de paróquia em 31 de dezembro de 1957.

A tradição católica se destaca em Vila Arlindo, Linha Hansel, Tangerinas e Linha Armando. Em Linha Sapé foram erguidos templos católico e evangélico luterano.

A religião que serviu para aproximar interesses comuns dos primeiros colonizadores, também influenciou na formação das primeiras sociedades. As mais antigas praticavam tiro ao alvo, jogo de bolão e futebol. Com exceção das sociedades de tiro, as demais sociedades mantêm suas atividades até os dias atuais, com destaque para o futebol. A partir da década de 1980, as sociedades e comunidades se organizaram para construir ginásios poliesportivos, também utilizados para atividades sociais.

ECONOMIA

A agricultura sempre foi a principal fonte de renda da população do 7º distrito. O fumo se destaca na paisagem das pequenas propriedades rurais, com média de 15 hectares. Nas áreas próximas aos arroios Taquari Mirim e Castelhano também se destaca a produção de arroz, além do milho e aipim. O fácil acesso para o escoamento da produção contribuiu para que a região seja uma das mais produtivas do município.

O comércio experimentou um período de prosperidade até a década de 1980, quando entrou em decadência. Mesmo assim ainda é possível encontrar bem diversificadas casas comerciais em Linha Tangerinas, Linha Hansel e Vila Arlindo.

No setor industrial, merece destaque os investimentos na agro-indústria fumageira e na produção cerâmica, além do abate e beneficiamento de carne bovina. A construção da RSC-287 não representou significativo impulso ao desenvolvimento do 7º distrito. Há poucas empresas instaladas às margens da rodovia e a praça de pedágio construída há 10 anos provocou o aumento do trânsito pelas estradas de terra de Vila



Professora Wendpap com seus alunos de Linha Sapé na década de 1920



Fumo domina a paisagem agrícola do 7º Distrito

Arlindo, usadas por motoristas que querem desviar do pagamento da tarifa.

Mesmo reunindo todas as condições para ter um bom desenvolvimento econômico, o sétimo distrito sofre com o êxodo rural. Desde o final dos anos de 1980 a população está diminuindo, os jovens estão deixando a roça e as propriedades estão sendo trabalhadas por meeiros e arrendatários, que se mudam com muita frequência e não criam raízes nas localidades.

ESCOLAS

EE Pedro Beno Bohn – Vila Arlindo
EE de Linha Tangerinas
EE de Linha Sapé
EM Dom Pedro II, de Linha Hansel
EM Narciso Mariante de Campos, de Linha Tangerinas

COLABORARAM NAS REPORTAGENS DESTA SUPLEMENTO

Os textos foram construídos com base em questionários enviados às escolas do sétimo distrito e pesquisa de campo realizada entre os meses de agosto de 2007 a abril de 2008.

Também foram utilizadas informações de uma pesquisa histórica coordenada pela Secretaria Municipal de Educação em 1999 e pela Secretaria de Planejamento, em 2007.

Livros pesquisados: Abrindo o baú de memórias... do Museu de Venâncio Aires

Livreto do Centenário de Venâncio Aires, organizado pelo CEMUC

Supervisão dos textos pela historiadora Angelita da Rosa
Os créditos aos colaboradores voluntários de cada localidade e demais fontes de pesquisa aparecem nas respectivas páginas.

DADOS GERAIS

Sede: Vila Arlindo
Distância da cidade: 17 km
Principal via de acesso: RSC-287 até a primeira entrada à direita antes da praça de pedágio, seguindo pela estrada municipal por mais 2 km.
Limites distritais: Centro Linha Brasil (Oeste), Santa Emília (Norte), cidade (Leste).
Limites municipais: Passo do Sobrado (Sul) e Santa Cruz do Sul (Sudoeste)
Relevo: várzeas dos arroios Castelhano e Taquari Mirim; colinas e pequenas elevações (cerros)
Clima: sub-tropical
População: 4.885 hab (*)
Área urbana: 174
Área rural: 4.711
(*) Dados do Censo/2007



A partir da década de 1980, comunidades se organizaram para construir ginásios de esportes

Linha Tangerinas surgiu de um grande pomar de laranjas

Distante 8 km da cidade, Linha Tangerinas recebeu este nome porque no início de sua colonização existiam muitas árvores de laranja tangerina, cultivadas por um senhor conhecido apenas pelo nome de Dominginhos. A colonização com imigrantes alemães iniciou por volta de 1880. Inicialmente, a região era ocupada por proprietários luso-aforianos. Ao longo de sua história, a localidade já teve outros dois nomes: Coxilha Seca e, por volta de 1900, chamava-se Linha Evangelina, em referência à esposa do coronel João Carlos Leitão da Rocha, dono de todas as terras da redondeza.

O principal acesso, a partir da cidade, se dá pela rua Armando Ruschel, até o trevo dos Tirelli, em Bela Vista, seguindo em direção Oeste pela estrada de chão batido.

Os primeiros moradores germânicos eram procedentes de Linha João Alves, município de Santa Cruz do Sul. Estão entre os pioneiros: Carlos Friedrich, Arnaldo Fürst, João Hermes, Oscar Bick, Bernardo Borre, Antônio Assmann, Bernardo Sausen, Guilherme Kroth, José Treib, Emilio Michels e Catarina Hermes. Entre os lusos, os mais antigos foram Felizberto Xavier, Alberto Alves Ferreira, Amaro Xavier e Patrício da Silva.

ESCOLAS

A localidade conta atualmente com duas escolas, em torno das quais se formaram dois pequenos povoados. A primeira e mais antiga escola era particular, sendo as aulas ministradas pela professora Julieta Kroth. Em 1919 a família Madsen cedeu o terreno para construção de outra escola, que recebeu o nome de Escola Municipal Brígida do Nascimento. A primeira professora foi Ana Luísa Fürst Madsen. Ambas não existem mais.

Atualmente, a Escola Estadual de Ensino Fundamental de Tangerina (sem o "s") é o mais antigo educandário em atividade. Inaugurada em 1960, atendeu no seu primeiro ano de funcionamento a 63 alunos da 1ª a 5ª série. Em 1991 o prédio foi ampliado, recebendo uma secretaria, cozinha e dois banheiros. O ano letivo de 2007 foi concluído com 38 alunos, duas professoras e uma merendeira.

No dia 12 de setembro de 1976 foi inaugurada a Escola Municipal Narciso Mariante de Campos. Esta escola pública foi ampliada em 1983 devido ao aumento da clientela escolar. O ano letivo de 2007 foi concluído com 61 alunos matriculados e seis professores, coordenados pela diretora Vera Muller.



Imagem de satélite de Linha Tangerinas

SOCIEDADES

A mais antiga entidade social que se tem notícia se chamava Sociedade das Argolinhas. Esta denominação era comum para as sociedades de lanceiros. Naquela mesma época também existiu uma sociedade de bolão. Em 29 de outubro de 1919 foi fundada a Sociedade de Damas Harmonia, atualmente denominada Sociedade de Damas e Cavalheiros Riograndense.

É nas sociedades que a população local tem seus momentos de lazer e diversão, através de bailes, festas e atividades esportivas. Os eventos sociais acontecem no amplo ginásio de esportes, inaugurado em 11 de fevereiro de 1996. O futebol é uma das atividades mais antigas, através do Esporte Clube Tangerinas, fundado em 16 de março de 1971. O atual campo de futebol foi inaugurado em 10 de fevereiro de 1974. Desde fevereiro de 2007 a localidade conta também com uma pista de veloterra.

Para seu lazer e diversão, os moradores contam ainda com o pavilhão escolar, construído ao lado da EM Narciso Mariante de Campos.

RELIGIÃO

A primeira capela funcionou no mesmo local da atual. Foi construída em louvor à Nossa Senhora Aparecida no final da década de 1950, através de um mutirão entre os moradores, em terreno doado por Gabriela Fürst. O antigo prédio foi demolido na década de 1980 e, em 06 de outubro de 1984

foi inaugurado o atual prédio, localizado ao lado do ginásio de esportes.

A festa anual em homenagem à padroeira, no mês de outubro, constitui-se no principal evento social atualmente. Ao longo do ano acontecem diversos bailes, festa escolar, festa do Clube de Mães Margarida, que também sedia a festa municipal organizada pelo grupo da terceira idade Fazendo a Vida Melhor.

ECONOMIA

Linha Tangerinas conta com aproximadamente 200 famílias. Muito pouco resta das antigas plantações de laranja. Atualmente, o principal produto agrícola é o fumo, produzido em quase todas as propriedades. A criação de gado leiteiro e a avicultura também se destacam. Após a colheita do fumo, os agricultores plantam milho na resteva, aproveitando uma parte dos nutrientes usados na cultura do fumo e que permanecem na terra.

Antigamente o clima na região era muito mais frio e havia grande ocorrência de geada. A criação de gado era em menor número e havia muitos répteis (cobras e lagartos).

O meio de transporte mais utilizado era a carroça e o cavalo. O primeiro automóvel data de 1964. Os primeiros rádios apareceram em 1946. As famílias se reuniam para acompanhar as notícias.

A casa comercial mais antiga era a Comercial Fürst, inicialmente de Phelipe, depois com Arnaldo Fürst e, por fim, com



Professoras com os alunos pesquisadores da EMEF Narciso, em 2007



Leni Hermes e Olga Sausen

os filhos. Além do armazém de secos e molhados, tinha açougue e salão de baile. Outra casa comercial pertenceu a Bernardo Sausen e ainda conserva as características das antigas bodegas do interior. Em 2007, esta casa comercial completou 50 anos de existência, sob a direção de Leni Hermes (52 anos) e sua avó, Olga Sausen (95 anos) esposa de Bernardo.

Outra casa comercial de destaque na localidade é o Bodegão do Beto Brixius, com serviços de mini-mercado e bar. Suas atividades iniciaram em 1986 com armazém de secos e molhados e as novas instalações foram inauguradas em 2007.

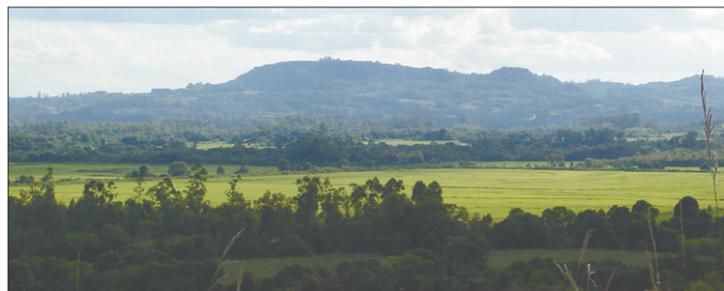
Muitos proprietários arrendam a terra para meeiros ou agregados, que permanecem na localidade apenas no período da safra e, depois, mudam-se ou retornam para a cidade em busca de emprego. Estima-se em 30% o número de alunos em trânsito a cada ano pelas escolas da localidade.

Desde o dia 07 de outubro de 1988 os moradores locais e das localidades vizinhas contam com o serviço do posto de saúde municipal, construído ao lado da Escola Narciso. Em 2006 o posto foi remodelado e ampliado.

As principais reivindicações dos moradores são: rede elétrica trifásica, maior número de médicos e dentistas no posto de saúde, melhores condições de tráfego nas estradas, telefone público e iluminação pública.

CERRO DO BAÚ

Olga Sausen é uma das pessoas mais idosas de Linha Tangerinas. Nascida em 1912, goza de boa saúde até para bater feijão recém colhido no quintal da casa. Quando tinha seis anos de idade foi morar com os pais próximo ao Cerro do Baú. Ela guarda muito viva em sua mente a lembrança de um fato misterioso que dominava o assunto entre os poucos moradores próximos. O fato era relacionado à aparição de uma estranha luz, no alto do cerro, nas terras do seu pai. Esta luz subia até uma certa altura e descia para o chão novamente. Na crença popular da época, esta luz era chamada de "mãe do ouro". Os antigos acreditavam que a luz indicava a presença de ouro enterrado nas proximidades. Um dos vizinhos chegou a cavar um buraco nas terras da família Sausen, mas ninguém sabe se algum tesouro foi encontrado. O fato virou lenda e teria sido a origem do nome do Cerro do Baú.



Lendas e mistérios no passado do Cerro do Baú



Atividades sociais e esportivas são realizadas no Ginásio de Esportes



Campo do Esporte Clube Tangerinas



Fumo é o principal produto agrícola



Professoras e alunos da turma de 2007 da EE de Tangerina



Capela da comunidade católica Nossa Senhora Aparecida

PARTICIPARAM DESTA REPORTAGEM

A diretora Marli Teresinha Toillier, a professora Josi Toillier, a merendeira Sandra B. Peixoto e os alunos da EE de Tangerinas; A diretora Vera Muller, a professora Marilana da Silva Weber e uma turma de alunos da EMEF Narciso Mariante de Campos; A comerciante e costureira aposentada Olga Sausen e sua neta Leni Hermes e o sindicalista e agricultor Ornélio Sausen. Foram utilizadas informações fornecidas pela Secretaria Municipal de Educação, através de pesquisa histórica realizada no ano 2000.

Arlindo e Armando, os sobrinhos de Leitão da Rocha

A localidade-sede do 7º distrito de Venâncio Aires tem sua história contada a partir do loteamento de uma grande área de terras pertencente ao colonizador luso-ágriano João Carlos Leitão da Rocha. Em 1911 ele promoveu a divisão de suas terras, ficando uma parte para a esposa Evangelina e outra parte para os sobrinhos Arlindo e Armando. Foi assim que nasceram as localidades de Linha Arlindo, Linha Armando e Linha Evangelina (ver detalhes na história de Linha Tangerinas). A pesquisa histórica não identificou se Leitão da Rocha tinha filhos.

Vila Arlindo e Linha Armando são localidades próximas e compartilham da mesma história, porém seu progresso se deu de forma diferenciada: enquanto o povoado de Linha Arlindo se desenvolveu e se tornou vila, Linha Armando tende a desaparecer, pois não tem escola, nem igreja e pouco se sabe a respeito de sua história. Atualmente, o principal ponto de referência é o pavilhão da Sociedade Venacruz. Desta forma, apresentaremos a história das duas localidades na mesma reportagem.

Em 1994, a então Linha Arlindo passou a ser sede do 7º distrito, quando foi elevada à categoria de "vila". Distante 16 km do centro de Venâncio Aires, tem como principal via de acesso a RSC-287, até a primeira entrada à direita antes da praça de pedágio.

COLONIZAÇÃO

A partir de 1912 chegaram os primeiros moradores, oriundos de colônias de Santa Cruz do Sul e Vera Cruz, com a finalidade de colonizar os lotes vendidos por Leitão da Rocha e seus descendentes. Luís Metzdorf, de origem germânica e Antônio Rodrigues, de origem africana, foram os pioneiros.

Em Linha Armando os primeiros moradores foram: Reinoldo e Ernesto Jungblut (irmãos), Pedro Adão Kist e Belarmino de Borba, grandes colaboradores da colonização e progresso da localidade de Linha Arlindo. Mais tarde chegaram as famílias de Carlos Metzdorf, Carlos Lersch, Cristóvão Simon, José Dick e Guilherme Lersch, entre outros.

Na época, a localidade era coberta por floresta; havia dificuldade para o transporte, pois faltavam estradas e pontes. O comércio e o acesso aos serviços de saúde eram na cidade de Venâncio Aires, para onde tinham que se deslocar a pé ou a cavalo.

Também há registros da presença indígena na região do sétimo distrito. Artefatos usados pelos índios e encontrados em lavouras estão guardados junto à Escola Pedro Beno Bohn.

EDUCAÇÃO E RELIGIÃO

A primeira escola passou a funcionar em 1920, na residência de Cristóvão Simon, com quatro alunos. O primeiro professor foi José Rabuske, que recebia um ordenado de 45 mil



Imagem de satélite destaca o núcleo urbano de Vila Arlindo e parte da área rural

réis por mês.

A localidade foi crescendo e em 1921 mais famílias chegaram e surgiu a ideia de construir um cemitério, cujo terreno foi doado por Henrique Metzdorf. Em 9 de abril de 1922, foi convocada uma reunião para a construção de uma capela que também serviria como escola. O prédio recebeu o nome de "Schulkapelle Maria Geburt", que significa "capela-escola Nossa Senhora da Natividade". Naquela época, os imigrantes germânicos falavam, escreviam e ensinavam aos filhos a cultura alemã.

Com o apoio e participação da maioria dos sócios com filhos em idade escolar, a obra se tornou realidade. Os associados ainda contribuíram com 200 mil réis e também emprestaram dinheiro para garantir a conclusão daquela que seria a primeira capela-escola do povoado em desenvolvimento.

Em 08 de setembro de 1922 foi lançada a pedra angular com uma missa campal, celebrada pelo padre Alfonso Scherer. Nossa Senhora da Natividade, protetora da Virgem Maria, foi escolhida a santa padroeira. Para arrecadar mais recursos para a obra, foi promovido o

leilão da pedra angular e os três maiores colaboradores foram escolhidos padrinhos da obra que estava iniciando. Os detalhes desse acontecimento de 1922 foram registrados em língua alemã e estão guardados como relíquia histórica. O primeiro padre a atender na nova capela foi o vigário de Venâncio Aires, cónego Albino Juchem.

O prédio funcionou como escola-capela até 1948. No dia 11 de abril daquele ano foi lançada a pedra fundamental da nova igreja, que existe até hoje. O antigo prédio continuou sendo usado como escola até 1961. Em 31 de dezembro de 1957, a então capela Nossa Senhora da Natividade é elevada à condição de paróquia pelo bispo D. Vicente Scherer. A instalação oficial da paróquia aconteceu no dia 02 de março de 1958. Ao lado da igreja foi construída a casa paroquial. O primeiro pároco foi o padre José Mees. O terreno para a construção da nova igreja e da casa paroquial foi doado por Walter Jungblut.

Em setembro de 1960, a escola passou a ser administrada pelo Estado, recebendo o nome de Escola Rural Nossa Senhora da Natividade, conforme De-

creto 11.394. Em 10 de maio de 1967, a escola passou a ser denominada Escola Estadual de 1º Grau "Prof. Pedro Beno Bohn", em homenagem a um filho ilustre da localidade.

Desde que foi inaugurada, a escola foi ampliada quatro vezes: em 1967, 1977, 1990 e 1996. Atualmente é o principal educandário do sétimo distrito. Conta com 16 professores e 190 alunos, sob orientação da diretora Zeni Maria Steffens. A escola está equipada para atender alunos desde a pré-escola até a 8ª série.

SOCIEDADES

A Sociedade de Bolão Vencedor é a mais antiga. Funcionou inicialmente no salão de baile e casa de comércio de Henrique Metzdorf. O primeiro baile para escolha do "rei do bolão" foi realizado em 27 de setembro de 1925. Nos anos de 1926 e 1927 a Sociedade não tem registros de ata. A partir de 15 de janeiro de 1928, a Sociedade Vencedor se transferiu para o Salão Kops e Jungblut. Atualmente, as sociedades de damas e bolão Vencedor funcionam na Sede Social de Vila Arlindo. Também tem o clube de mães Professor Pedro Beno Bohn.

A Sociedade Lanceiros que funcionava na propriedade de Walter Jungblut, segundo relatos, não possui mais registros, pois seus documentos foram confiscados no tempo da Segunda Guerra Mundial, quando era proibido o dialeto alemão. A bandeira com dizeres em alemão, assim como suas



Luis Metzdorf, primeiro imigrante germânico, chegou em 1912



Acesso à Vila Arlindo, a partir da RSC-287, é utilizado como desvio da praça de pedágio



Vista parcial da Escola Estadual Pedro Beno Bohn

espadas e demais documentos desapareceram.

Na parte esportiva, destaca-se o Esporte Clube Juventude, com seu campo de futebol próximo da escola e a Cabana para suas festas esportivas.

Além do futebol, a população se diverte nos finais de semana com jogos germânicos na sociedade, jogo de cartas, bolão e bolãozinho de mesa, loto e festas em geral. A comunidade está se movimentando para construir o seu primeiro ginásio de esportes.

COMUNIDADE NEGRA

Há na localidade uma concentração de descendentes de africanos, que formaram uma comunidade negra.

Os primeiros moradores negros foram Antônio Rodrigues e seu filho, Manoel Rodrigues, na época com 18 anos. Vieram junto com Luiz Metzdorf, numa carroça, de Vera Cruz. Quando chegaram, se instalaram numa casa onde hoje é a localidade de Linha Armando.

Em Vila Arlindo, Antonio Rodrigues casou com Adelina e tiveram seis filhos. Plantavam fumo, o qual secava num forno construído com leivas de terra,



Herança indígena: pedras lascadas, uma boleadeira e uma panela de barro

tiradas de barrancos. Também cultivava outros produtos para o sustento da família. Faleceu na década de trinta, deixou para os filhos um lote de terra equivalente a 12 hectares, terra essa onde seus descendentes moram. Somente dois de seus bisnetos cultivam fumo em parte dela. Antonio Lopes, 36 anos, neto de sua filha Otília, é produtor há 20 anos. José Ari da Rosa, 49 anos, neto de seu filho Manoel, é produtor há 28 anos.

Manoel Rodrigues, que veio junto com seu pai Antonio, casou-se com Sebastiana Francisca e teve quatro filhos. Além de trabalhar na agricultura, era um homem muito vaidoso. Gostava de dançar, por isso organizava saraus em sua casa. Ajudou a construir a primeira capela, em Vila Arlindo, desde a pedra angular. Manoel teve uma vida longa, morreu aos 93 anos, em junho de 1986.

O núcleo negro de Vila Arlindo é praticamente constituído por descendentes de Antonio Rodrigues. São 68 moradores, desses 19 tem de 0 a 12 anos e 7 tem mais de 60 anos. São 19 famílias, que em sua maioria tem a renda familiar do trabalho como diarista (peão) no



Casa paroquial, tendo ao fundo a Igreja Nossa Senhora da Natividade



Família Jungblut, retrato da década de 1920

cultivo do fumo e trabalhando como safrista, em fumageiras de Venâncio Aires. A maioria dos moradores dessa comunidade tem somente o ensino fundamental, muitas vezes incompleto. Não chega a 10 o número de pessoas negras que já completaram o ensino médio.

A cultura negra é pouco desenvolvida e raramente posta em prática. O núcleo negro é dividido em duas religiões: evangélicas (crentes) e católicas. Não há nenhum negro de uma religião de matriz africana. Apreciam a música de bandinha alemã. O lazer é dividido entre jogos de futebol, rodas de baralho, bingo, bate papo, vôlei e roda de mate na casa de Dona Nai (Maria Nair Rodrigues), todos os dias pela manhã.

Maria Nair Rodrigues, neta de Antonio e filha de Manoel, é a moradora negra mais velha de Vila Arlindo. Aos 69 anos, viúva há 15, aposentada, tem seis filhos, 15 netos e 3 bisnetos. Ela criou seus filhos trabalhando na lavoura e também como faxineira do colégio, da igreja e em casas de famílias, em Vila Arlindo. Sempre teve orgulho de ser dona de casa. Ela tem como hábito acordar



Manoel Rodrigues, um dos primeiros colonos negros de Vila Arlindo



Várzea do Taquari Mirim, preparada para a plantação de arroz



Sede social de Vila Arlindo

Arlindo formou-se em torno do cruzamento de duas estradas. Uma dá acesso à RSC-287 e outra segue para Venâncio Aires através de Linha Tangerinas e Bela Vista. A primeira estrada continua sendo a atual com algumas alterações e serve de desvio do pedágio. Construída em 1997, a praça de pedágio alterou a rotina dos moradores próximos, uma vez que muitos motoristas preferem desviar do pagamento do pedágio, através da estrada que passa por Vila Arlindo e sai em Linha Seival (Santa Cruz) retornando à rodovia. O movimento a mais não traz nenhum benefício para a população local, apenas poeira da estrada de terra. A parte central da vila tem asfalto e ali se encontram todos os principais pontos de referência: a igreja, o cemitério, o necrotério, a escola, o supermercado, a sociedade e o campo de futebol.

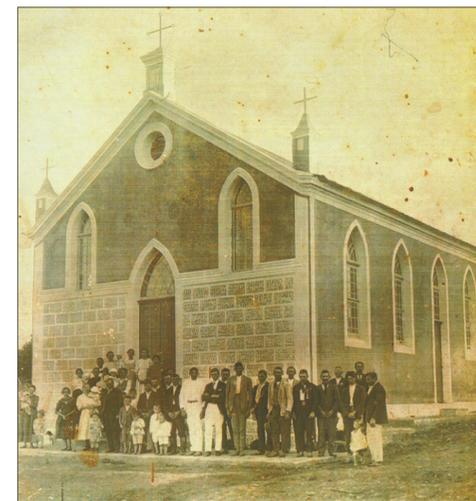
Desde o início da colonização até os dias atuais, a agricultura é a principal fonte de renda dos moradores. Inicialmente, os colonos se dedicaram à produção de alimentos, especialmente o arroz, feijão e milho; criavam porcos, gado e aves, que abatiam e vendiam no comércio em troca de outros produtos alimentícios, vestuário, etc.

O comércio era de secos e molhados. O primeiro comércio

pertenceu a Henrique Metzdorf que servia toda a comunidade; mais tarde o comércio e Salão Kops e Jungblut. Ambos vendiam tecidos, alimentos e até ferramentas de serviço, calçados, ainda funcionava um moinho para a fabricação de farinha.

Atualmente, o fumo é o principal produto agrícola. Nas áreas de várzea, próximas ao arroio Taquari Mirim, destaca-se a produção de arroz irrigado. A plantação de milho e aipim também contribui para o progresso da localidade. Existem aviários, vários açudes para a piscicultura, além de outros produtos de subsistência como o leite, ovos e carne (de gado e porco). O núcleo da vila conta com supermercado, açougue e matadouro.

Apesar das terras férteis e da infra-estrutura favorável ao seu desenvolvimento, Vila Arlindo também sente os reflexos do êxodo rural. Em 1999 a Escola Pedro Beno Bohn contava com 294 alunos, número de caiu para 190 em 2008. Parte destes alunos foram para a Escola Municipal de Linha Hansel, que foi ampliada, mas boa parte representam filhos de peões diaristas e meeiros, que trabalham nas lavouras em certas épocas do ano e depois mudam-se para outras localidades.



A Schulkapelle serviu como igreja e escola durante 40 anos

PARTICIPARAM DESTA REPORTAGEM

A diretora Zeni Maria Steffens e a vice-diretora Vera Maria Hansel Konzen, da EE Pedro Beno Bohn, de Vila Arlindo; O casal Armando Reno Vogt (68 anos) e Lúcia Melânia Vogt (74 anos);

Livros pesquisados: Abrindo o Baú de Memórias... do Museu de Venâncio Aires; Livro do Centenário de Venâncio Aires – 1891 a 1991, do Centro Municipal de Cultura

Reportagem do jornal Folha do Mate do dia 23 de julho de 2004 – página 18.

Sérgio Leandro da Rosa, integrante da comunidade negra de Vila Arlindo

Ata do leilão da pedra angular da Schulkapelle Maria Geburt, de 28 de maio de 1922, assinada por Lucas Hansel. Também foram utilizadas informações de uma pesquisa histórica realizada pela Secretaria Municipal de Educação em 1999.



Praça de pedágio da RSC-287



Pavilhão da Sociedade Venacruz, em Linha Armando



José Ari e Antônio Rogério são fumicultores há mais de 20 anos



Área central de Vila Arlindo é asfaltada

Linha Sapé e Santa Eugênia têm a mesma história



Igreja católica Santo Antônio



Igreja São João Batista, ao lado do pavilhão de festas



Igreja evangélica, ao lado do cemitério

Na extremidade Oeste de Venâncio Aires, fazendo divisa com Santa Cruz do Sul, estão as localidades de Linha Sapé e Santa Eugênia. Entre os moradores existe uma certa confusão quanto ao critério de pertencimento, porque não há clareza quanto aos limites territoriais, de forma que iremos apresentar as duas localidades na mesma história.

Linha Sapé recebeu este nome devido à existência do capim sapé que havia em grande quantidade na várzea do arroio Castelhan. O capim (também chamado "Santa Fé") era usado para cobrir as humildes casas. A origem de Linha Santa Eugênia é desconhecida.

Distante aproximadamente 10 km do centro da cidade, o principal acesso a Linha Sapé e Santa Eugênia dá-se pela RS-422 até o trevo de Arroio Grande, ingressando à esquerda junto ao trevo e seguindo pela estrada municipal que liga Venâncio Aires a Monte Alverne. Até o trevo o acesso é asfaltado.

Muitos ladrilhos da história foram perdidos, especialmente aqueles que dizem respeito à influência indígena, já que sapé é uma expressão de origem indígena e o Cerro do Baú, nas proximidades, é tido como um lugar onde moravam índios bugens. Vestígios daquela época foram encontrados pelo agricultor Willy Muller. Quando lavrava sua roça, ele encontrou uma vasilha feita de barro. A vasilha encontra-se no museu do Colégio Mauá, de Santa Cruz do Sul.

Também foram perdidos os ladrilhos da presença lusa. Provavelmente o território que hoje corresponde a Linha Sapé pertenceu ao latifundiário João Carlos Leitão da Rocha, que em 1882 teria iniciado a venda de lotes para imigrantes alemães.

Estão entre os moradores mais antigos as famílias Kistemacher, Müller, Christmann, Goebel, Metzendorf, Wendpap, Märchner e Arenhardt, todos de origem germânica, que chegaram aqui muito pobres. Tiveram que derrubar o mato para tirar da terra o sustento.

Após o período de adaptação e vencidas as dificuldades, os imigrantes experimentaram uma fase de progresso e desenvolvimento, por volta da década de 1920. Reflexo deste progresso está nas casas antigas, erguidas com pedra de alicerce e que hoje representam um símbolo daquela época. O casal Rosa (73 anos) e Beno Osvaldo Becker (76 anos) reside há 52 anos em uma das casas mais antigas, construída há quase 100 anos por Frederico Muller.

RELIGIÃO

Há duas igrejas em Sapé. O primeiro

prédio da igreja católica Santo Antônio data do século XIX e era de madeira. O atual prédio foi construído em 1960. A outra igreja pertence à Comunidade Evangélica Luterana. O atual prédio foi construído em 1953.

A comunidade de Linha Santa Eugênia construiu o atual prédio da igreja católica São João Batista em 1971.

EDUCAÇÃO

Não foram encontrados registros do ano de funcionamento das primeiras escolas, que funcionavam nas casas de Arlindo Pedro Eidt e José Pedro Friedrich. Os professores davam aula em alemão e eram subvencionados pelos pais das crianças. A professora Wendpap é tida como uma das mais antigas, na década de 1920. Na época da Segunda Guerra Mundial foi proibido usar o idioma alemão. As autoridades recolheram muitos livros, fecharam escolas e obrigaram as entidades a adotarem denominação em português.

Outra escola particular funcionou na casa de família Souza, nas proximidades da Capela Santo Antônio. Em 1929, o professor Guilherme Jaeger deu aula para 12 alunos. Mais tarde foi construída uma escola de madeira, junto à capela.

O primeiro prédio escolar público foi construído em 1955, nas proximidades do Frigorífico Rohel, com o nome de Escola Municipal Joaquim Nabuco. Outra escola pública foi construída em 1962, com o nome de Escola Estadual de Linha Sapé, em terreno defronte à capela Santo Antônio.

A partir da década de 1980 a localidade passou a sofrer as consequências do êxodo rural. A escola Joaquim Nabuco foi fechada alguns anos depois. A escola estadual mantém suas atividades e encerrou o ano de 2007 com 32 alunos e duas professoras.

SOCIEDADES

A Sociedade Flor do Sul, de Linha Santa Eugênia, fundada em 1904, é a mais antiga. Outras sociedades existentes: Sociedade de Damas Lírio; Sociedade de cavalheiros Cruzeiro do Sul, fundada em 1930; de damas Flor de Maio (1949) e de cavalheiros Cultural e Esportiva Gaúcha (1953), estas duas últimas com sede no ginásio de esportes, ao lado do campo de futebol do Grêmio Esportivo Fluminense. Além do ginásio, Linha Sapé conta com dois pavilhões comunitários, em alvenaria. Um pertence à comunidade Santo Antônio e outro pertence à Sociedade de Cavalheiros Cruzeiro do Sul e de Damas Lírio.

Em Linha Santa Eugênia os eventos



Willy Muller, Benno Becker e Rosa Becker

sociais são realizados no pavilhão de festas, ao lado da igreja.

Antigamente, as principais diversões eram: Festa de Escola, Marcha de 7 de Setembro, bailes e carreiras de cavalos. Atualmente, a população participa de jogos de futebol, bailes e festas comunitárias, jogo de bolão de mesa, bocha e bingo (foto).

ECONOMIA

A agricultura é a principal fonte de renda. O fumo é o principal produto agrícola. Também planta-se feijão, milho, aipim, soja e abóbora. As características do terreno, plano e com pequenas elevações (coxilhas), favorecem a agricultura mecanizada. Todavia, a antiga carroça de bois continua fazendo parte da paisagem rural. Outros agricultores utilizam a carroça puxada por um trator, como fez José Roque de Borba (38 anos), que em 2007 plantou 51 mil pés de fumo em sua propriedade. Suinocultura, horticultura e produção de leite também são importantes fontes de renda, para os produtores rurais, a maioria pequenos proprietários, meeiros e peões.

A localidade ainda se destaca no setor industrial através do Frigorífico Roehl e da Cerâmica Friedrich, atualmente as duas principais indústrias, que geram emprego e renda para trabalhadores locais e de localidades vizinhas, como é o caso de Linha Marechal Floriano. Em 2007 a prefeitura construiu uma nova ponte sobre o arroio Castelhan, facilitando o trânsito para agricultores e trabalhadores das indústrias locais.

As principais dificuldades que a localidade enfrenta é a baixa valorização dos produtos agrícolas, em contraposição ao alto custo dos insumos industrializados, fator que motiva o êxodo rural.



Com paredes de pedra, casa da família Becker é uma das mais antigas



Ponte sobre o arroio Castelhan, construída em 2007, ligando Linha Sapé a Marechal Floriano



Professoras e alunos da EE de Linha Sapé em 2007



Vista parcial do campo de futebol do Fluminense, tendo ao fundo o ginásio de esportes



Fumo é o principal produto agrícola da localidade

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

As professoras Teresinha Maria Kolberg Kaufmann e Alice Maria Fischer e os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental de Linha Sapé; Os agricultores Willy Muller (in memoriam), Rosa e Benno Becker e José Roque de Borba; o industrial Alvaro Roehl (60 anos). Livros pesquisados: Abrindo o Baú de Memórias, do Museu de Venâncio Aires; Livro do Centenário de Venâncio Aires, do Centro Municipal – CEMUC

O pioneiro João Guilherme Hansel

Por volta de 1920, João Guilherme Hansel, descendente de imigrantes alemães, adquiriu de Generoso da Luz uma área de terras de aproximadamente 1.200 hectares, às margens do arroio Taquari Mirim, junto à estrada que, na época, era a principal ligação entre Venâncio Aires e Rio Pardo, na localidade conhecida como Campestre.

Na época, a região era ocupada por várias famílias de imigrantes germânicos e lusos. José Medeiros, Romão Haas, Pedro Etges, João Francisco da Rosa, José Kipper, Fiote Oestreich, Maurício da Silveira, Gaspar Ferreira de Borba, Vadico Schmidth, João Schwengber, Marcolino Spindola, Elmuth Riss, Henrique Etges, Carlos Baierle, Severino Lopes, Luís Machado, Catalope Kanemberg, Bernardo Kist, Reinaldo Bruch, Tavianio da Silva, Tristão Schmidth, Ervino Lang, Albino Tirelli, Ernesto Tirelli, Henrique Tirelli e as famílias Pereira e Azeredo estão entre os mais antigos moradores. O casal João Guilherme e Margarida Hansel teve seis filhos: José, Augusto, Lucas, Paulo, Francisca e Guilherme, que muito contribuíram para o desenvolvimento da localidade e localidades vizinhas, razão pela qual o povoado recebeu o nome de Linha Hansel.

Distante aproximadamente 12 km do centro da cidade, o núcleo central de Linha Hansel atualmente, localiza-se próximo à rótula do cruzamento da antiga estrada para Rio Pardo e Santa Cruz do Sul com a RSC-287. A antiga estrada de chão batido passou a ser acesso secundário e aos poucos está perdendo sua importância histórica. Nela ainda é possível observar trechos daquela que teria sido a primeira estrada a receber calçamento em Venâncio Aires. Construída por escravos na época do Brasil Império, estes trechos ainda visíveis seriam resquícios da Estrada Real. Por ela, o imperador D. Pedro II e comitiva teriam passado nas viagens realizadas até Rio Pardo por volta de 1850 e 1880. Documentos e informações mais concretas nesse sentido não foram encontrados. Vestígios deste calçamento ainda podem ser vistos, especialmente no trecho de acesso a Passo do Sobrado. Infelizmente, importantes ladrilhos deste fato foram perdidos ao longo da história. Seria a denominação da escola uma referência ao antigo monarca?

ESCOLA

A primeira escola denominava-se Maria Baierle, por volta de 1920. Em 1925 surgiu outra escola na casa de Lucas Hansel, tendo como professor Mathias Lick. Mais tarde, tornou-se a Escola Municipal Maria Baierle, que manteve suas atividades até 1993, quando foi fechada e seus

alunos transferidos para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom Pedro II.

Outra escola, por volta de 1938, funcionou na casa de João Fredo, sendo ele mesmo o professor. Esta escola também funcionou junto à antiga igreja.

No dia 19 de abril de 1941 foi fundada a Escola Municipal Dom Pedro II, sendo amparada pela associação de pais. Em 1987 ela foi ampliada. Na época já contava com pré-escola a 6ª série, tendo num total de 100 alunos, 10 professores e uma funcionária. Nos últimos 10 anos, a Escola Municipal de Ensino Fundamental D. Pedro II experimentou grande evolução. Em 2004 foi reformada e ampliada novamente. O ano letivo de 2007 foi encerrado com 210 alunos, desde a Escola Infantil até a 8ª Série. O corpo docente conta com 15 professores, duas funcionárias, supervisora, vice e diretora, cargo ocupado atualmente pela professora Irene Hansel Konzen. Atualmente a escola conta com cinco salas de aula, biblioteca, salas para professores e supervisão, laboratório de ciências e informática; cozinha, refeitório e pracinha.

RELIGIÃO

A educação e a religião têm histórico parecido. Por volta de 1925 a escola e a capela funcionavam no mesmo local, perto do cemitério que existe até hoje. Um quadro com a imagem dos Três Mártires foi doado por Maria Kipper, em agradecimento por uma graça alcançada. A segunda capela foi construída no mesmo local do prédio atual, em terreno doado por Guilherme Hansel, por volta de 1940, quando foi criada a Comunidade Católica. Edmundo Fischer foi o doador das imagens (estátuas) dos três mártires rio-grandenses. O atual prédio da capela data de 01 de agosto de 1976.

A história dos três mártires remonta a década de 1620, quando o Cone-Sul da América Latina vivia momentos de luta e conquista entre espanhóis,



Sinais da antiga estrada de pedra ainda podem ser vistos no acesso a Passo do Sobrado

portugueses, escravos e índios. Neste ambiente hostil frutificou o trabalho de missionários jesuítas da Companhia de Jesus, entre eles os padres Roque Gonzáles, Afonso Rodrigues e João de Castilho. No entanto, o ódio e a ganância foram mais fortes do que a tentativa pacífica de colonização. No mês de novembro de 1628 os três padres foram brutalmente assassinados, na região onde até hoje se encontram as ruínas de São Miguel das Missões.

SOCIEDADES

Por volta de 1925 teve início a primeira sociedade esportiva de Linha Hansel, a Sociedade de Bolão, fundada por Ervino Lang. A partir de meados da década de 1930, os eventos sociais tinham como endereço o Salão de Henrique Tirelli, que funcionou por mais de 20 anos e fechou as portas por volta de 1955. Neste salão

funcionou uma Sociedade de Damas e Cavalheiros. O bolão é o esporte mais antigo e é praticado até hoje.

Outro esporte antigo é o futebol, praticado desde 1957 na localidade. No dia 24 de março daquele ano foi inaugurado o Estádio das Bananeiras, sede do Grêmio Atlético Monterey, que havia jogado sua primeira partida oficial no dia 03 de fevereiro daquele ano. O atual estádio foi inaugurado no dia 07 de fevereiro de 1971.

Ainda na área social e esportiva, outro acontecimento marcante foi a inauguração do ginásio de esportes da Comunidade Três Mártires, com 800 metros quadrados, construído em 1986 ao lado da escola, onde atualmente acontecem grandes bailes e festas. O ginásio poliesportivo é sede da Associação de Damas Três Mártires (fundada em 24 de abril de 1986) e da Associação de Cavalheiros Três



Ginásio poliesportivo da comunidade Três Mártires



Em 2004 a EMEF D. Pedro II foi ampliada e atualmente conta com mais de 200 alunos



Campo do Monterey

Mártires, fundada no dia 01 de dezembro de 1987, entre outras entidades locais.

ECONOMIA

O relevo característico é composto por terras baixas nas várzeas do arroio Taquari Mirim e pequenas elevações (colinas). O fumo domina o cenário agrícola, seguido do arroz irrigado e do milho. Erva mate e soja são culturas importantes que marcaram a história da localidade.

Ervino Lang teve a primeira casa de comércio por volta de 1925. Atualmente, as casas comerciais de Helio Fürst e de Lindolfo Ferreira são as mais antigas em atividade. No setor industrial, destaca-se a fuma-

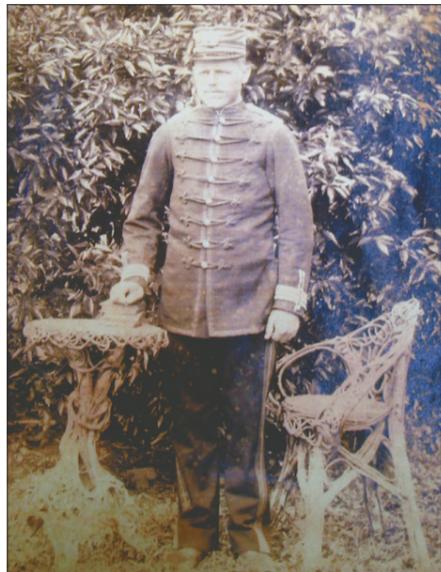
geira Interfumos, de Olávio Ferreira.

Ao longo de sua história, a localidade já teve serraria, ferraria, descascador de arroz e moinho; olaria, açougue e barbearia. Desde a década de 1960 a localidade é cortada ao meio pela RSC-287, fator que representou a facilidade do escoamento da produção agrícola e também trouxe investimentos de empresas, que se instalaram em suas margens.

A baixa valorização dos produtos agrícolas é a principal dificuldade enfrentada atualmente, pois desmotiva os jovens, levando ao êxodo rural. A localidade também reivindica telefonia fixa e melhoria das estradas municipais.

COLABORARAM NESTA REPORTAGEM

As professoras Irene Regina Hansel Konzen e Adriana Cristina Gregory, da EMEF D. Pedro II. Moradores da localidade: Regina Sehn, Arno Paulo Hansel, Aldino Ferreira dos Santos e Celília Wendt. Foram utilizadas informações de uma pesquisa realizada em 1992 pela ex-diretora Ivone Ferreira; e informações da pesquisa coordenada pela Secretaria Municipal de Educação, em 1999. Também foi consultada a edição da Folha do Mate do dia 04 de maio de 2007.



João Guilherme Hansel instalou-se na localidade por volta de 1920



Professoras Irene e Adriana coordenaram a pesquisa histórica

Tem novidade
no ar.
E a novidade
tem cheiro de
eucalipto.

NOVO
AROMA

Conheça
também nosso
Alvejante Sem
Cloro.

Tira manchas
de roupas de
todas as cores.

NOVO DESINFETANTE
BRASCLIN EUCALIPTO.

Mais uma opção de limpeza para você manter sua casa limpa, livre de germes, bactérias e ainda com aquele agradável cheiro de eucalipto. Conheça também as versões Pinho e Herbal.